

RESENHA

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre linguagem.

Suelen MARTINS¹

Palavras-chave: dialogismo; gênero; Bakhtin.

Keywords: dialogism; genre; Bakhtin.

O livro **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin, composto por introdução, nove capítulos, conclusão e bibliografia, é fruto das considerações feitas por Adail Sobral à época da tese de doutoramento do autor e publicadas logo após a defesa. Sobral é Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006), Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (1999), professor Adjunto I do Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas – RS.

A obra resenhada, a começar pelo título, nasce comprometida com a proposta instrutiva de abordar os conceitos-chave para o entendimento das reflexões do chamado Círculo de Bakhtin, noções como o dialogismo – conceito bakhtiniano norteador –, a linguagem vista como sistema semiótico, a concepção de sujeito, o enunciado, até desaguar na ideia de gênero, dentre outros, além de propor como se dá a inter-relação desses conhecimentos elementares. A intenção do autor com a obra não é promover reflexões demasiadamente aprofundadas sobre os conceitos, já que o espaço para discussão, no livro, é limitado frente à grandeza das abordagens do grupo de Bakhtin, nem tão pouco é objetivo de Sobral, no texto, reduzir as preciosas definições do Círculo. Mesmo assim, devem-se render aplausos à obra por ser, para os iniciantes nos textos do Círculo, “um roteiro de leitura” (p.16), uma referência para o entendimento de teorias essenciais bakhtinianas.

Sobral, porém, mostra-se audacioso, se assim podemos dizer, em depositar na sua obra a esperança de ser lida por pessoas que vão além dos limites do seu habitual público nos cursos, nas comunicações e nas palestras que ministra. Mesmo havendo no livro uma tentativa

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens (CEFET-MG). Belo Horizonte. Correio Eletrônico: suelen-martins@ibest.com.br

de tornar a episteme do Círculo algo acessível e mais voltado para a prática, no percorrer da leitura, a teoria convocará o leitor a ter momentos de vasto e intenso estudo de alguns aspectos da obra bakhtiniana. Por essa razão, algumas ideias abordadas pelo Círculo de Bakhtin e discutidas por Sobral podem não ser imediatamente compreendidas por esse público mais abrangente e heterogêneo, que ultrapassa aquele das áreas de Letras e afins. Ainda que haja essa ressalva sobre o entendimento do Círculo, é aplausível a inserção, no capítulo 9, a ser resenhado, de uma análise linguístico-discursiva da capa de um livro de autoajuda, um texto verbo-visual, prática que torna os conceitos-chave mais compreensíveis.

Oportuno, ainda que não seja pioneiro, já que muitos autores fizeram menção ao fato, é o debate que Sobral traz à tona sobre a complexidade da noção de autoria no Círculo de Bakhtin, uma vez que muito daquilo anteriormente atribuído apenas à figura desse pensador russo pode e deve ser, hoje, revisitado e visto como resultado de um pensamento coletivo dos membros do Círculo. Adail Sobral convida o leitor a ver o conjunto da obra do Círculo como “núcleo de sentido parcialmente estabilizado” (p.9), e a pensar a unidade epistemológica desse núcleo pelo viés das contribuições advindas de vários pensadores de uma época politicamente conturbada, em que algumas reflexões nem chegaram a ser publicadas, até pelo conteúdo dessa obra não ter sido passado às mãos de quem poderia tê-las divulgado no tempo em que foram escritas.

O texto de Adail Sobral propõe fazer um apanhado dos livros-referência para a compreensão do pensamento do Círculo de Bakhtin. Nesse contexto, não somente as obras mais recorrentemente citadas em estudos, como **Estética da criação verbal** e **Marxismo e filosofia da linguagem**, são trazidas por Sobral, mas outras igualmente relevantes para os estudos discursivos, como **Problemas da poética de Dostoievski** e **Sobre a filosofia do ato**. Em termos de organização dos conceitos no livro, o estudioso privilegiou uma distribuição que contemplasse desde a tese mais elementar, envolvendo língua, linguagem, discurso e sujeitos até chegar à ideia de gênero discursivo. Nesse aspecto, o livro do linguista mostra-se bem didático e engajado com a construção do conhecimento desde as bases do pensamento Bakhtiniano.

No capítulo 1, *Dialogismo e interação*, Adail Sobral introduz a tese emblemática do Círculo de Bakhtin, o dialogismo. Interessante é que o autor do livro, antes de qualquer discussão, menciona o contexto em que essa noção foi gerada, União Soviética da década de 1920, que, ao mesmo tempo, marcada pela linguística histórico-comparativa, foi obrigada, devido às alterações sociais sofridas àquela época na Rússia, a pensar os estudos linguísticos sob a perspectiva dialógica. O dialogismo é abordado, segundo Sobral (2009), a partir de três níveis: o da concepção geral do agir e do existir humano; o da interdiscursividade; o da forma de organização de textos mobilizados por discursos. Ao mencionar o dialogismo, Sobral mostra coerentemente a relação entre esse conceito e o de interação, bem como os relaciona à noção de sujeito. Mesmo que Sobral considere uma frivolidade, o que não é, ele diferencia dialogismo e diálogo, ajudando assim os leitores mais iniciantes a compreender que “o diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva” (p. 34) e a entender que essas ideias nem sempre são marcadas pela harmonia.

Dando continuidade ao exposto anteriormente, no capítulo 2, *A concepção de sujeito do Círculo*, é debatido o conceito de sujeito para o Círculo de Bakhtin – em especial para Voloshinov (de acordo com o autor do livro)–, como vinculado à noção de interação social. Sobral parte da ideia de que, em um evento social, há a constituição do sujeito desde o seu nascimento. O discurso do “eu” será sempre povoado pelo discurso do outro, pela interiorização da heteroglossia social, como afirma Faraco (2010)². Adail Sobral também ressalta que o social contribui para que o sujeito tenha noção de sua consciência, e esse é talvez o ponto máximo desse capítulo, porque o sujeito para ser entendido precisa ser notado pelo outro, ou seja, o “eu” não existe sem o “tu”. Por fim, Sobral insere o sujeito como o responsável pela instauração do sentido, resultante do embate de vozes, no discurso e na vida.

O capítulo 3, *Autoria e Estilo*, coloca em reflexão, de forma bem clara, as categorias de autoria e estilo (interativo e dialógico), à luz das formas composicionais e arquitetônicas, relevantes para pensar

² FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 58.

na materialidade do texto e na superfície discursiva. Sobral mostra que, para o Círculo, o sentido do termo autor não necessariamente corresponde ao autor de obras, mas também é uma instância de produção de enunciados. De acordo com a linguística, mencionar autor “no âmbito das teorias do Círculo implica pensar no contexto de ação dos sujeitos, e nas complexas tarefas que realizam ao enunciar” (p. 61). Além disso, o linguista mostra que todo texto feito por um autor para um interlocutor deve considerar tom e estilo do enunciado. É nesse capítulo que o linguista traz as contribuições sobre os pensamentos de autor e de herói (personagem) na atividade estética. Mostra-se também que o estatuto do autor é o mesmo, tanto no discurso estético quanto em outras “modalidades discursivas”.

No capítulo 4, *Significação e tema*, a principal contribuição é destacar que, para o Círculo, a enunciação envolve tanto o tema – unidade temática – quanto a significação – segundo o autor – “formas fixadas da língua”. Nesse capítulo, vale o adendo de que o estudioso, mesmo mostrando, de um lado, a significação como fixa, e o tema como não fixo, soube discorrer de maneira minuciosa sobre a aproximação entre esses dois conceitos. Quanto ao signo, Sobral, corroborando as ideias bakhtinianas, o insere no *hall* da contenda sobre interação. O debate que instaura uma relação entre individual e social, por intermédio do signo, dialoga com o capítulo 2 quando da abordagem sobre sujeito e a sua consciência a partir do signo.

Já no capítulo 5, *Entoação avaliativa e responsividade ativa*, o autor reforça que todo ato prevê parceiros, nunca é uma ação isolada ou passiva e envolve avaliação pela qual o sujeito se responsabiliza. Além disso, o autor coloca o leitor frente às condições de responsividade e, como afirma Sobral (2009), “a avaliação e a resposta do interlocutor dependem da avaliação e da resposta do locutor, num jogo de imagens individuais e sociais dos protagonistas [...]” (p.87-88). O estudioso termina o capítulo reforçando ao leitor que entre a entoação avaliativa e a responsividade ativa há uma “negociação” anterior à primeira palavra pronunciada.

As definições de enunciado concreto e discurso do Círculo de Bakhtin tomam corpo no capítulo 6, *Enunciado concreto e discurso*. A proposta do autor é a de elucidar texto e discurso “de maneira inovadora” (p.18). Esse capítulo contribui para a compreensão do discurso como

algo inacabado, instável e dependente das situações de comunicação. Como era de se esperar na tessitura de Sobral, o autor volta a trazer a noção de interação, dessa vez, atrelada ao conceito de texto – nada mais justo, já que a obra do Círculo de Bakhtin baseia-se, em seu cerne, nessa discussão. Por fim, a ideia de enunciado (abordada em **Estética da criação verbal**) é esclarecida em relação ao texto e ao autor.

No capítulo 7, *Elementos da teoria estética em seu vínculo com a questão do gênero*, o autor discorre sobre material, forma e conteúdo da obra literária respeitando as especificidades do discurso literário. O Círculo de Bakhtin parte “de duas recusas” – a da proposta formalista e a da proposta marxista vulgar – de uma síntese “que vê as manifestações simbólicas dos seres humanos como processos situados na sociedade e na história” (p.106). Nesse capítulo, a atividade autoral é vista como uma arquitetônica de articulação estética.

No capítulo 8, *Ver o mundo com os olhos do gênero*, baseando no capítulo *Gêneros do discurso*, de **Estética da Criação Verbal**, Sobral oferece uma discussão sobre gênero e as esferas de produção, circulação e recepção do texto. Gênero é tratado como estável e, ao mesmo tempo, dinâmico, é o novo e o antigo. Algumas condições são postas no livro como importantes para garantir essas características, tais como: o gênero é dotado de uma lógica orgânica, tem certa “linguagem”, a lógica não é abstrata e o gênero traz o novo. A distinção entre gêneros primários e secundários é apresentada de forma que o leitor entenda o imbricamento que permeia essas noções. Realmente, o texto de Sobral consegue traduzir que os gêneros primários são elementares, enquanto os secundários são reconfiguração dos primeiros. O estudioso traz à luz a discussão do gênero publicidade de livros.

No capítulo 9, *Uma possível análise*, Adail Sobral não poderia ser mais feliz ao inserir uma análise de capa de livro de autoajuda para tentar respaldar a teoria apresentada ao longo da obra. O autor mostra como “todo texto é mobilizado por um dado discurso e este é interpelado por algum gênero” (p. 137). O esquema adotado por Sobral, nessa sessão, é o de apresentação do *corpus*, descrição, análise e interpretação. O que chama a atenção, nessa parte é a averiguação da simbologia das cores contidas na capa do livro, que nos faz lembrar a “Semiótica da Cultura de Bakhtin” (p. 18). Uma crítica a esse capítulo

fica a cargo de, na página 142 do livro resenhado, não ter sido colocada a capa colorida do livro analisado por Sobral, **Crise Espiritual**. Com a ilustração, o leitor teria mais chances para se convencer da análise discursiva do autor. Por fim, logo em seguida, a conclusão que Sobral diz ser um “resumo metalinguístico” fecha todas as reflexões antes levantadas.

Depois da leitura atenta de todo o livro, observa-se que, para conduzir o leitor pela mão, Sobral faz, ao final de cada capítulo, uma espécie de síntese dos conceitos principais abordados. Isso permite ao leitor, além de revisão das noções abordadas naquela seção, perceber, de forma coerente, o conjunto do livro, formando assim uma rede viva de conceitos, dialogicamente construídos.

Por se tratar de um livro que perpassa pelas principais abordagens do Círculo Bakhtin, acredita-se que o material é essencial para promover uma revisão das noções bakhtinianas e é recomendado para aqueles que se interessam e tenham minimamente informação acerca da teoria do Círculo, até para procurar preencher as lacunas deixadas pelo autor do livro, que não evocou todos os conceitos bakhtinianos. O público-alvo do livro **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin certamente são estudantes de graduação e de pós-graduação da área de Letras ou áreas afins, como Filosofia, Comunicação Social, por exemplo.

Recebido em 22 de agosto de 2012.

Aprovado em 19 de setembro de 2012.